

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*
 BERNARD DA COSTA CAMPOS — *Diretor*

J. A. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Executivo*
 MAURO GUIMARÃES — *Diretor*
 FERNANDO PEDREIRA — *Redator Chefe*
 MARCOS SÁ CORRÉA — *Editor*
 FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Assistente*

Artifícies do Impasse

O *Centrão* surgiu espontaneamente mas pode também desaparecer da mesma forma: à medida que se distanciar das suas razões de origem, corre o risco de se desfazer tão facilmente quanto se aglunhou. É que a diversidade de grupos e tendências nele reunidos só se manterá enquanto a pauta comum for facilmente respeitada.

Há sinais de que, além de melhorar o projeto, o *Centrão* começa a pretender mais do que pode: alguns líderes avulsos tentam vender pelas costas dessa fortuita maioria o compromisso de aprovar o mandato de cinco anos. Ora, a outra surpreendente característica do *Centrão* é a impossibilidade de hierarquizar o seu mandato e montar um sistema de lideranças, porque foi, é e continuará a ser uma variedade que tem como denominador comum a melhoria do projeto da Comissão de Sistematização.

É conveniente recapitular: a comissão que se incumbiu de sistematizar o trabalho anterior da Constituinte pisou em falso quando pretendeu ficar acima do julgamento da maioria. Ou seja: a maioria dos sistematizadores não tem mais peso do que a maioria do plenário, porque não se instituiu — no regimento ou na emenda que convocou a Constituinte — o voto de qualidade, com maior peso que o voto comum dos constituintes. A quantidade é que decide democraticamente.

Aquela inversão antidemocrática foi fatal. As correntes que respondem pela diversidade da representação constituinte, em nome de uma sociedade que quer se distanciar de qualquer autoritarismo, rebelaram-se contra a pretensão minoritária que congelou a decisão da minoria. Para mudá-la, a maioria estaria obrigada a um esforço descomunal, com o risco de frustrar-se mediante um simples esvaziamento do plenário.

Eram tantas as correntes e grupos revoltados com essa postura antidemocrática que, apesar do malogro de todas as tentativas de criá-lo mediante entendimento entre as partes, o *Centrão* surgiu: a necessidade o gerou, o instinto de sobrevivência política o viabilizou. Para espanto geral, mas principalmente das esquerdas, o *Centrão* foi a antítese que se-contrapôs frontal e lealmente às teses sociais da esquerda. Eram mais populistas que propriamente esquerdistas, a utopia de uma inexistente estabilidade no emprego, entre outras do mesmo naipe, ou o absurdo de uma imprescritibilidade legal para reclamações trabalhistas. Até mesmo certa confusão entre o que seja aspiração e direito, como no caso da casa própria, que o Estado não tem a mínima condição de garantir.

O apelo ao realismo corretivo transcende as correntes da Constituinte, com a óbvia exceção das esquerdas. E foi assim que surgiu o *Centrão* com o compromisso tácito de derrubar os excessos que sobrecregam o texto do projeto da futura Constituição brasileira. Para não se perder a oportunidade, e criar uma situação absurda, a um custo político muito maior, o *Centrão* se viabilizou mediante a repulsa aos excessos.

O risco veio mais depressa porque o êxito subiu logo às cabeças que se sentiram indevidamente vitoriosas (quando a vitória é da causa democrática). Os supostos líderes que não conseguiram criar o bloco suprapartidário resolveram empreitar um assunto político, que terá efeito contrário ao pretendido: implodir o *Centrão* antes que se faça a correção no projeto do relator.

Pior ainda é que, dada a impossibilidade de realizar a operação política em torno do mandato, essas lideranças enfatizadas de vaidade sem voto orientam-se para a criação de um impasse que pode ser a pá de cal sobre a nova república. São muitos os motivos de apreensão social e econômica. Acrescentar-lhes um gatilho político, sob a forma de impasse, é fazer um jogo realmente perigoso.

Há uma indicação de impasse, que está para a política como o cheiro de fumaça para um incêndio. Os falsos líderes dão sinais de intransigência, de desafio ao bom senso, de prestação de um serviço pouco recomendável mediante a recusa em negociar leal e decentemente com os que pensam de maneira diferente.

Já está suficientemente clara a intenção de chegar ao impasse, com o objetivo de prorrogar os trabalhos constituintes e impedir a objetividade que aprove o mais rapidamente possível a futura Constituição. Dando às divergências um sopro de adiamento estéril, esses artifícies do impasse querem apenas inabilitizar a realização da sucessão presidencial em 88.

Solução de fato implica risco imprevisível, porque há uma crise econômica potencializando uma insatisfação social explosiva. A faísca política pode detonar várias hipóteses, menos aquela que — desprezando a experiência histórica — joga mecanicamente numa repetição impossível. Não há exemplo de golpes de estado que tenham sido dados para manter governos débeis ou desacreditados. Neste país todas as soluções — mas todas, realmente — passam pelas urnas. E se não forem em novembro do próximo ano, as eleições podem ser antes por necessidade.